

Os arquitetos têm dificuldade para se afirmar no mercado

por Arq. Iberê M. Campos

Este ano completei 41 anos de convivência com os arquitetos. Digo isto não só porque eu seja um deles, mas sim porque já convivi com os colegas em várias situações: como aluno e como professor, como chefe e como subordinado, trabalhando por conta e como empresário. Como desenhista, projetista, autor do projeto ou supervisor de empreendimentos. No serviço público e na iniciativa privada, no Brasil e no exterior. O que vou relatar aqui, portanto, são coisas que observei não apenas como arquiteto, mas também como uma pessoa qualquer que um dia, por vários motivos, resolveu enveredar pelos caminhos da arquitetura. Que me perdoem os teóricos acadêmicos, mas este é apenas um relato pessoal.

Quando resolvi entrar para a faculdade de arquitetura não tinha exatamente a noção do que seria. Achava que o arquiteto é que projetava as edificações e só isso. Um desenhista especializado, talvez. Não tinha noção do quão abrangente a profissão pode ser.

Durante o curso estagiei em vários lugares. Quando me formei já tinha uma boa experiência e iniciei minha jornada profissional. Ao mesmo tempo em que ia cuidando da vida, também observava os amigos. Alguns eram arquitetos e os demais tinham outras especializações. A comparação foi inevitável. Os arquitetos tiveram muito mais dificuldade para se firmar financeiramente dos que os engenheiros civis, seus concorrentes diretos no mercado da construção. Lembre-se, estamos falando de um período de quatro décadas. Outras profissões também foram bem sucedidas, em especial os médicos e advogados. Mas, de maneira geral, o que ficou óbvio, mesmo, foi a dificuldade que o arquiteto tem para ser contratado, seja como empregado ou como autônomo.

Parece que ninguém dá valor a ele, ou então quer pagar bem pouco (ou nada) para obter o serviço dele. Salvo exceções, o arquiteto é visto como supérfluo, um luxo, algo que só alguns podem ter – e pagando caro. Poucos são os que realmente sabem o alcance que podem ter os trabalhos conduzidos pelos arquitetos, a economia que se faz construindo com um projeto bem feito, como ficam melhores as cidades planejadas e quão agradáveis e produtivos são os ambientes pensados por gente preparada.

O fato, portanto, segundo minha percepção, é que existem profissionais úteis de um lado, e do ou-

tro ficam os possíveis contratantes, que se aproveitariam do trabalho do arquiteto, mas que não sabem disto ou não lhe dão o valor devido.

Seria possível dedicar uma vida para pesquisar esta situação, mas posso relatar aqui meu pensamento e minha intuição. O autor Gary Stevens, em sua fabulosa obra “O círculo privilegiado”, analisou a profissão do arquiteto sob o viés sociológico de Pierre Bourdieu, e uma das conclusões que me salta aos olhos é a separação dos arquitetos em dois grupos.

O primeiro é o arquiteto estrela, famoso, preocupado com as causas sociais, com a defesa da natureza, envolvido com a arte e às voltas com clientes e patronos poderosos, e que conseguem fazer obras memoráveis, notáveis, dignas de serem admiradas e estudadas inclusive por outros arquitetos.

No segundo grupo fica o restante dos profissionais, anônimos, mas que, no final das contas, são os que fornecem a estrutura, a mão-de-obra, para que os famosos consigam desenvolver seus projetos e colocá-los em prática. São os “cadistas” e “projetistas”, se pudesse dizer de uma maneira jocosa.

A questão toda, conforme ficou claro em minha pesquisa de mestrado, é que as faculdades, via de regra, criam os arquitetos para serem do primeiro grupo. Mas só um ou outro consegue. Os demais acabam se frustrando, porque o mercado de trabalho lhes mostrará que a realidade é mais dura e bem diferente do que imaginaram durante a escola. Quando percebem que não vão conseguir mudar o mundo e que, na verdade, mal obterão dinheiro para se sustentar, a grande maioria abandona a profissão ou então segue caminhos paralelos. Nas áreas do mobiliário, corretagem de imóveis, manutenção predial e similares. Nada contra estas outras profissões e, aliás, até acho que a formação como arquiteto, abrangente, facilita a atuação bem sucedida dos arquitetos em outras áreas.

Os meios de comunicação ajudam a piorar este quadro. Numa novela ou num filme que mostrem arquitetos estes serão ricos, bonitos e famosos, às voltas com grandes trabalhos. Reforçam a idéia de que arquiteto é coisa cara, refinada e para a elite, sendo que esta não é exatamente a realidade. Mas porque esta acabou sendo a idéia generalizada e até caricata?

Me parece que, enquanto não agirmos para mudar esta situação, estas percepções, então estas minhas modestas conclusões vão continuar válidas por mais algumas décadas. Pelo menos. **PC**